Merleau-Ponty e a educação

Andreia Marin
(Texto escrito para fins didáticos)

Introdução

Merleau-Ponty tece várias contraposições ao pensamento moderno, mais diretamente a Descartes, motivo pelo qual encaminha nossa linha de discussões sobre conhecimento, focada na relação sujeito-objeto. Segue-se à sua fenomenologia, um desdobramento no pensamento sobre estética e ética que alimenta muitas reflexões contemporâneas.

Antes de detalharmos o pensamento de Merleau-Ponty, é importante destacarmos que sua filosofia segue os fundamentos da fenomenologia inaugurados por Bentrano, mas organizados de modo mais detalhado na obra de Husserl. O ponto central da fenomenologia é a impossibilidade de construção do conhecimento a partir de uma separação entre consciência e mundo, base do pensamento cartesiano. A ideia de que seria possível, pelo cuidado das operações do entendimento, constituir uma análise objetiva do mundo e chegar a uma representação coincidente com a verdade foi criticada por Husserl. Apesar desse seu ponto de partida contra o pensamento moderno, representantes da fenomenologia e existencialismo mais contemporâneos, denunciam em Husserl uma outra redução: a de julgar possível alcançar pelo método descritivo, que conjuga as diferentes perspectivas do fenômeno, uma interpretação totalizante do mundo. Merleau-Ponty trabalha a fenomenologia tentando contornar essa pretensão de organização de um conhecimento imparcial sobre o mundo. Seus pensamentos conjugam a defesa de uma consciência encarnada no mundo, de forma que qualquer conhecimento tem sua base na percepção, com a ideia de que é pela experiência primordial do mundo que o sujeito se constitui, dispensando a dicotomia corpo e mente, ao mesmo tempo em que enfraquece a ideia de uma essência anterior à experiência do mundo (o que o aproxima também do existencialismo).

Na sequência, serão apresentadas as seguintes ideias merleau-pontyanas: fé perceptiva; estrato pré-intelectual do mundo; os prejuízos da fixação representativa; o corpo e a expressão.

Percepção e fé perceptiva

> O mundo da percepção, isto é, o mundo que nos é revelado por nossos sentidos e pela experiência de vida, parece-nos à primeira vista o que melhor conhecemos, já que não são necessários instrumentos nem cálculos para ter acesso a ele e, aparentemente, basta-nos abrir os olhos e nos deixarmos viver para nele penetrar. (Merleau-Ponty, 2004, p. 1)

Merleau-Ponty denuncia uma perda de significados do mundo vivido operada pelo pensamento científico clássico: “a ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 85). Restituir a união sujeito-mundo é parte dos objetivos expostos na sua obra, movimento que ele faz utilizando de uma defesa da arte: “... um dos méritos da arte (...) é o de fazer-nos redescobrir esse mundo em que vivemos, mas que somos sempre tentados a esquecer” (Merleau-Ponty, 2004, p. 2).

Em *Fenomenologia da percepção* (*FP*), Merleau-Ponty (1999, p. 26) critica a associação entre sensação e erro, que historicamente se fez parte do pensamento ocidental, e fala que o significado possível do mundo se dá pela percepção que pressupõe a inserção incondicional nesse mundo: “construímos a percepção com o percebido [...] Estamos presos ao mundo e não chegamos a nos destacar dele para passar à consciência do mundo”. O mundo sensível comporta indeterminações, constituintes da visão originária, que se perdem diante dessa busca por definições precisas. Nos capítulos iniciais de *O visível e o invisível* (*VI*), repete um tema enunciado na Fenomenologia da percepção: a retomada da percepção como fundamento do saber primordial sobre o mundo. É a partir desse pressuposto que as filosofias reflexivas são problematizadas, em uma detalhada discussão sobre os limites da síntese intelectualista sobre o mundo.

Se tivéssemos que tentar elucidar o ponto central das discussões de Merleau-Ponty no capítulo inicial de *VI*, por analogia e usando um termo próprio de sua linguagem, talvez acertássemos em escolher a distinção entre a postura de sobrevoo e de inserção do sujeito em relação ao mundo.

O sobrevoo é representativo de um olhar sobre as coisas, de um ponto de vista exterior a elas que, portanto, pressupõe um distanciamento e uma postura de espectador do mundo. Tal condição representa uma ingenuidade, já que falar de um mundo a partir desse distanciamento é algo vedado à consciência. Há uma pretensão do intelectualista de que o entendimento humano, distanciando-se da exterioridade e voltando-se ao interior do sujeito, pela reflexão, possa definir a substância do mundo. Contra essa espécie de dogmatismo, Merleau-Ponty se coloca, apresentando uma fé originária no mundo, que nega a possibilidade de sua total elucidação pelas operações da razão.

Para Merleau-Ponty, o mundo não é aquilo que penso, mas também o irrefletido. Nesse sentido, não é possível admitir uma experiência sempre subjugada ao crivo do juízo, como defendera Descartes, mas é preciso admitir a experiência original, que dispensa o formato predicativo, o que significa acreditar no estrato pré-intelectual dado na percepção. Na percepção primordial do mundo, algo como um ser bruto se oferece ao espírito selvagem. Na nota de 22 de outubro de 1959 da obra *VI* (pp.197-198), Merleau-Ponty coloca a questão de

como se pode regressar da percepção moldada pela concepção euclidiana, apontando para uma percepção natural, momento em que lança os termos selvagem e bruto. O espírito selvagem captaria, nesse sentido, o ser bruto do mundo, esse que é "antes de qualquer análise que se possa fazer dele" (MERLEAU-PONTY, 1999, p.5). Chauí (2002, p.152) o apresenta como o espírito que quer e pode alguma coisa, "o sujeito que não diz 'eu penso', mas 'eu quero' e age 'realizando uma experiência e sendo essa própria experiência'". O ser bruto, por sua vez, é o "ser da indivisão, que não foi submetido à separação (metafísica e científica) entre sujeito e objeto, alma e corpo, consciência e mundo, percepção e pensamento". Para além da consciência, há um sujeito para quem existe um mundo anterior à sua presença.

Saber primordial e o julgamento das incompletudes

Na discussão desta dimensão de adesão incondicional ao mundo, Merleau-Ponty (1999) lança mão da especulação sobre as relações sujeito-mundo que se desenham na imaginação, na alucinação, no sonho, na esquizofrenia, na infância.

Para Merleau-Ponty, o pensamento objetivista recusa valor de verdade a todas as instâncias do saber primordial, como o que se dá na imaginação e no pensamento infantil e alucinatório. O juízo a respeito de seus conteúdos é feito segundo critérios universais e resulta na afirmação de um déficit nessas consciências, o que é equivalente a uma desautorização da percepção em privilégio da reflexão. Uma percepção não inspecionada pela razão caracteriza as consciências primordiais e, nesse sentido, dão à ciência um testemunho de facticidade não compatível com os limites da consciência, sendo, por consequência, subjugadas a um juízo de incompletude. Não é possível à reflexão lidar com os níveis pré-lógicos da relação do humano com o mundo. Vimos que essa reflexão está presente também em Foucault.

Para desenvolver tal questão, Merleau-Ponty parte da demonstração deque para o esquizofrênico é possível distinguir percepção de alucinação (Merleau-Ponty, 1999, p.448). Daí não resulta que ele forja um juízo falso, uma vez que o mundo presente na alucinação não deixa de ser para ele uma realidade. Não obstante, o esquizofrênico compartilha com o sujeito dito "normal" a possibilidade da distinção, sendo a alucinação desprovida da plenitude da coisa percebida. Em outros termos, a alucinação se desenvolve em outra dimensão que a percepção, mas, ainda assim, pode ser tomada como realidade. A resultante disso é a consideração de que, tanto para um quanto para outro fenômeno, o que está em questão não é a determinação do verdadeiro e do falso, mas sim o compartilhamento de um âmbito primitivo que, não havendo verdade estrita, só pode ser referido como realidade. Tal realidade não é dita pelo juízo, pelo intelecto, mas sim pelas vivências, pelos sentidos que captam do mundo na sua integridade, referindo-se a ele não como verdadeiro ou falso, mas como mundo possível antes de qualquer

verificação: “ter alucinações e, em geral, imaginar é aproveitar essa tolerância do mundo ante predicativo...” (Merleau-Ponty, 1999, p.459). Também para a criança, o mundo “é ainda o lugar vago de todas as experiências” e “acolhe misturados os objetos verdadeiros e os fantasmas individuais e instantâneos...”. É esse mundo ante predicativo que a consciência não suporta.

A reflexão já pressupõe uma perda, já é um recorte desse espaço de indefinições. É preciso admitir, para Merleau-Ponty, que tal qual o olho, que quando vê deixa de ver a si mesmo vendo, a consciência também tem um ponto cego, o que significa desestruturar as pretensões do idealismo. A reflexão não é dispensável, mas não pode pretender transformar o visível em representação, equivocando-se ao não considerar o invisível do mundo: “não se trata de pôr a fé perceptiva no lugar da reflexão mas, ao contrário, de abarcar a situação total que comporta reenvio de uma a outra” (Merleau-Ponty, 2004, p.43). A busca de essências que possibilitem dizer o verdadeiro, feita pelo pensamento científico, há um recorte da percepção, uma redução, a formulação de uma parcela do mundo, não fazendo sentido pretender uma essência que não esteja vinculada a uma experiência. A essência só pode fazer sentido, portanto, se ela, no lugar de ser puro fruto de uma abstração da experiência, carregar em si mesma os sinais de uma vivência no mundo ou, em outros termos, se não se resumir a um pensamento sobre o mundo.

Corpo, experiência do mundo e expressão

A percepção do mundo pressupõe não um olhar desterrado, mas um olhar situado no campo de experiências possíveis, um sujeito que não paralisa o mundo para formata-lo em conceitos, mas que capta o mundo em constituição. Esse sujeito é, mais que uma consciência, um corpo que se entrelaça às coisas. O corpo, para Merleau-Ponty, é mais que um abrigo da consciência. Ele faz o que a consciência não pode fazer: ter um domínio da espacialidade e uma percepção do tempo. O tempo não se resume, para o corpo, a uma representação do passado ou do porvir, mas se manifesta em um presente que é processo e que incorpora passado e futuro.

A percepção que se dá por um corpo que do mesmo estofo que o mundo, não busca um invariante, como a síntese intelectualista, mas carrega nela mesma as variantes do mundo. É pela síntese perceptiva que o sujeito capta o mundo no seu movimento de fazer-se. Para o corpo que percebe, cada novo dado da percepção carrega as sensações anteriores. Com essas considerações, Merleau-Ponty instaura um movimento de naturalização do sujeito, que como vimos, é alvo das críticas feitas pelo pós-estruturalismo à fenomenologia. No entanto, embora ele admita um si, existente para além desse sujeito imerso no mundo vivido, este não significa um outro, uma mente em oposição ao corpo, mas uma manifestação do mesmo fenômeno, a que se refere como “cogito tácito”, ao qual não se pode referir um “eu penso”.

O corpo é “carne do mundo”, é feito da mesma carne que o mundo, “ambos se imbricam mutuamente” (Merleau-Ponty, 1984a, p.225, nota de maio de 1960). É nessa ultrapassagem definitiva da dicotomia sujeito-objeto, que o corpo ganha papel de destaque, tanto na percepção do mundo vivido, quanto no fenômeno da fala e do ato expressivo,

Se a representação impõe uma desmundanização da percepção, é necessário um esforço para retomar o vivente num movimento de mudanização. O mundo sempre conterá um irrefletido. A visibilidade comporta necessariamente a invisibilidade; a manifestação do mundo implica o seu silêncio. As coisas, ainda que subjugadas a nosso julgamento das essências, mantém alguma invisibilidade, dimensão não submetida à objetivação. Há, nelas, um ser que não está aprisionado em nossos questionamentos, na nossa falação. É nessa indeterminação que o artista busca matéria para suas composições. A expressão tenta dar visibilidade ao invisível do mundo. Esse é um tema muito presente nas obras de Merleau-Ponty que discutem a dimensão estética, como *A dúvida de Cezanne* e *O olho e o espírito*. Ele se repete também no pensamento heideggeriano, especialmente em *A origem da obra de arte*.

A possibilidade de uma linguagem e de uma expressão germinadas nesse campo de indeterminações é que pode testemunhar o compartilhamento do ser. Essa permanência do Ser como uma existência ontológica foi refutada no pós-estruturalismo. No entanto, no interior do campo de reflexões merleau-pontyanas, o Ser pode ser compreendido com esse há que escapa ao esforço reflexionante. Merleau-Ponty, como dito, reforça o papel da arte no despertar do mundo vivido e coloca a pintura como uma das formas de nos reconduzir “à visão das próprias coisas” (Merleau-Ponty, 2004, p. 56): “a pintura seria, portanto, não uma imitação do mundo, mas um mundo por si mesmo” (*id.*, p. 58). Em *A dúvida de Cézanne*, também afirma: “assim como a palavra não se assemelha ao que designa, a pintura não é uma cópia” (Merleau-Ponty, 1984b, p. 120). A expressão não é uma tradução, um conjunto de definições, mas uma realização do significado. Tal qual a percepção não é uma definição, a expressão não é uma representação. A linguagem da arte é aquela que só se cria e revela sentido no compartilhamento do mundo e do artista.

Considerações sobre educação

Perguntemo-nos em que sentido essa concepção de percepção distanciada do pensamento clássico pode gerar reflexões para o campo da educação. Importa-nos, dessa forma, destacar que o teor estético da relação entre ser humano e mundo, antes reduzido à recepção de informações para serem processadas pelo intelecto, se coloca na base do saber primordial e da criação de sentidos do viver.

A percepção é um fenômeno que mereceu atenção desde o final do XIX, tendo sido objeto de especulações inicialmente entre fisiologistas e psicólogos. Em 1879, Wilhelm Wundt (1832-1920), usualmente citado como o pai da psicologia científica, fundou, em Leipzig, o primeiro laboratório de psicologia experimental, no qual estudou principalmente a percepção humana e os estímulos que modulam o comportamento dos organismos. Uso dos sentidos no reconhecimento de um objeto e resposta a estímulos revelam a base conceitual desenvolvida originalmente nos campos da psicologia, mais enfaticamente, da psicologia comportamentalista, baseada no estudo dos mecanismos de modulação dos estímulos com o objetivo de condicionar comportamentos. Esse enfoque biofísico e comportamentalista influenciou inquestionavelmente o pensamento sobre educação, resultando uma tendência tecnicista na pedagogia.

O início da superação desse enfoque se dá principalmente com a reflexão e adoção dos princípios da Gestalt (1920-1930), ou Psicologia da forma, teoria que tem estreita relação com os fundamentos da fenomenologia, que influenciou uma nova vertente dos estudos sobre percepção. Pode-se interpretar essa tendência como uma tentativa de superação da supremacia dos racionalismos, dos moldes da ciência clássica, abandonando a concepção de percepção como fonte de informações processadas pelos mecanismos cognitivos e tentando chegar ao entendimento da complexidade do fenômeno.

Questões atuais podem ser pensadas à luz da fenomenologia de Merleau-Ponty, reservados os espaços para as críticas à permanência de um si, a possibilidade de uma essência fundamentadora do sujeito e das coisas. Podemos citar, nesse sentido, que a educação fundada no pensamento clássico privilegiou o desenvolvimento cognitivo em detrimento das outras dimensões do ser humano. Uma educação centrada na transmissão de conteúdos de conhecimentos científicos, onde aprendizado é avaliado pelo acúmulo de informações e pelo treinamento das operações lógicas e da leitura metódica do mundo empírico, dispensou atenção à corporeidade somente no limite do desempenho físico idealizado.

Muitas ações pedagógicas, nos dias atuais, tomam a arte como instrumento de mudança metodológica. Há, sem dúvida, uma possível influência da arte na educação, inspirada em Ponty, mas ela nada tem a ver com esse caráter instrumental manifesto no ensinamento de conteúdos a partir de suas linguagens. Se uma defesa da arte pode ser feita como caminho de reeducação, ela se revela na experiência de onde a expressão artística se origina: a percepção sutil garantida por um olhar primordial sobre os invisíveis do mundo. Uma educação de inspiração fenomenológica aposta na experiência da arte-educação baseada nos argumentos: tem o poder de despertar o olhar primordial, de fazer o ser humano alcançar a fluidez e a liberdade criadora;

permite ao humano libertar-se de pré-conceitos e mesmo de valores incutidos pela sociedade, abrindo-o a realidades mais valiosas e dando-lhe liberdade de vivências criadoras de sentidos.

Referências

CHAUÍ, Marilena. **Experiência do pensamento**: ensaios sobre a obra de Merleau-POnty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: **Textos escolhidos**. Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984a. p. 86-111.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José A. Gianotti e Armando M. Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 1984b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: **Textos escolhidos.** Trad. Marilena Chauí. São Paulo: Abril Cultural, 1984c. p. 113-126.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas.** Trad. Fábio Landa; Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** Trad. Carlos A. R. Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.